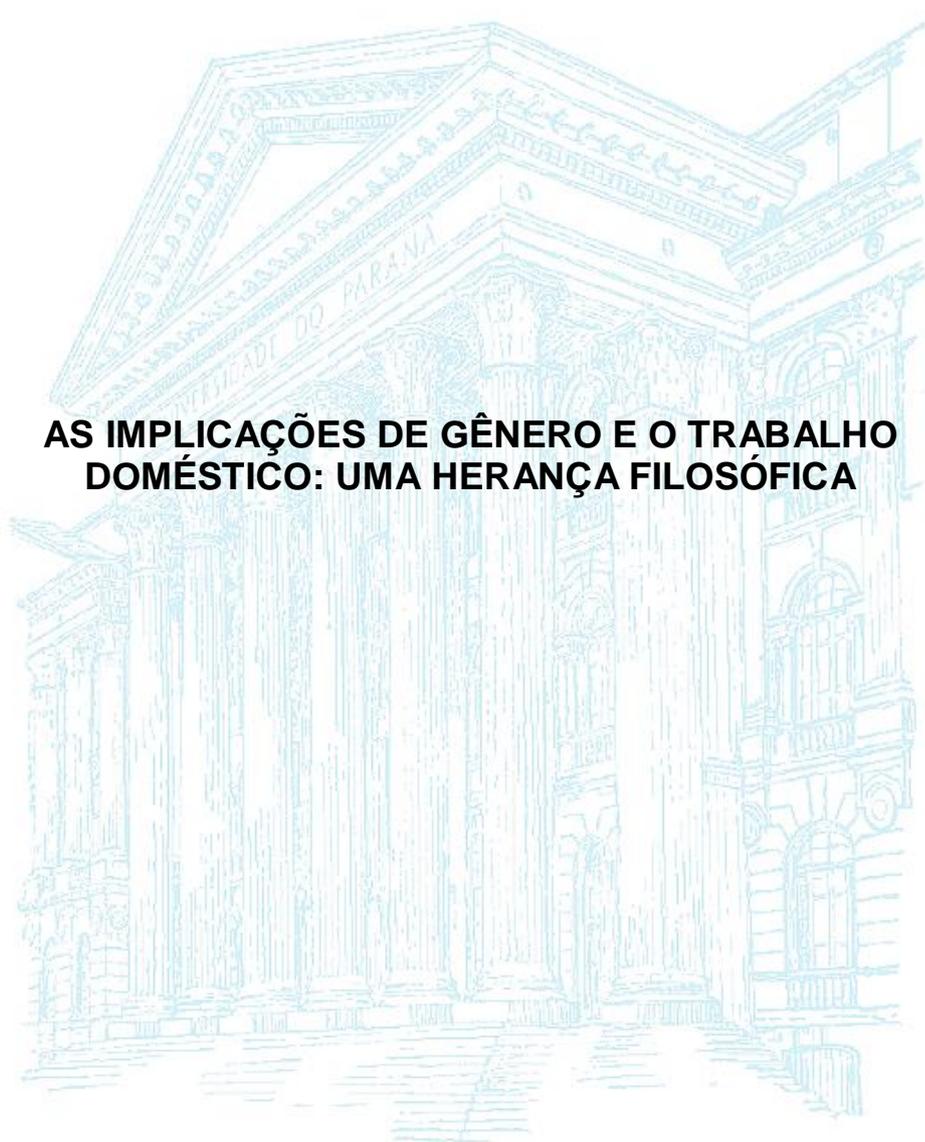


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NOME DO/A AUTOR/A: FABIO LARINI



**AS IMPLICAÇÕES DE GÊNERO E O TRABALHO
DOMÉSTICO: UMA HERANÇA FILOSÓFICA**

CURITIBA – POLO DE ITAJAÍ - 2016

AUTOR/A: FABIO LARINI

**AS IMPLICAÇÕES DE GÊNERO E O TRABALHO DOMÉSTICO: UMA
HERANÇA FILOSÓFICA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Dra Nadia T. Covolan.

CURITIBA – POLO ITAJAÍ - 2016

AS IMPLICAÇÕES DE GÊNERO E O TRABALHO DOMÉSTICO: UMA HERANÇA FILOSÓFICA

Fabio Larini¹
Nadia Terezinha Covolan²

RESUMO:

O artigo "As implicações de gênero e o trabalho doméstico: uma herança filosófica" propõe a tecer algumas análises sobre a problemática da desvalorização e invisibilidade da mulher no decorrer da história da filosofia. Para tanto, busca refletir sob a perspectiva da filosofia clássica grega no processo de naturalização atribuída às mulheres relacionadas à maternidade e ao cuidado. Através de argumentos bibliográficos é percebido que essa naturalidade é fruto de uma construção social, familiar de relações de gênero ao estabelecer atribuições específicas para mulheres e homens.

PALAVRAS-CHAVE: família; filosofia; gênero; mulher; trabalho

ABSTRACT:

The article "Gender implications and housework: a philosophical heritage" intends to weave some analysis on the issue of devaluation and invisibility of women throughout history. Therefore, it seeks to reflect the perspective of classical Greek philosophy in the naturalization process attributed to women of being a mother and caregiver. Through bibliographic arguments it can be seen that this naturalness is the result of a social construction of gender relations familiar to affirm the natural task of women and men.

INTRODUÇÃO

Conforme Puleo, "quando se fala em gênero, faz-se referência a um conceito construído pelas ciências sociais nas últimas décadas para analisar a construção sócio-histórica das identidades masculina e feminina". Assim, há diversos tipos de discursos que legitimam a desigualdade de gênero na cultura ocidental e oriental, tais como a mitologia, as religiões³ e também as ciências. Porém, o presente artigo tem por objetivo apresentar apenas a visão filosófica clássica para a construção do mesmo. (PULEO, 2004, p, 13.)

A mitologia grega destaca fortemente a presença de mulheres através da figura das deusas Artemis, Atena, Afrodite, Deméter, Hera, Perséfone, Pandora e Gaia. Embora a inteligência e o pensamento sejam representadas pela deusa Minerva

¹Pós-graduando em Gênero e Diversidade na Escola. UFPR, formado em Filosofia pela UEM- Universidade Estadual de Maringá. E-mail: fabiolarinifilosofia@hotmail.com

²Doutora em Ciências Humanas (UFSC).

³A religião é outro dos discursos de legitimação mais importantes. As grandes religiões tem justificado ao longo dos tempos os âmbitos e condutas próprias de cada sexo. [...] Eva é a Pandora judaico-cristã porque, por sua culpa, fomos desterrados do paraíso. (PULEO, 2004, p. 13).

(versão latina da deusa Atena), é interessante destacar, que esta nasce não do corpo de sua mãe, mas da cabeça de seu pai, Zeus. Isto demonstra, desde o princípio, a desvalorização da mulher. (ANDRIOLI, Liria Ângela. p, 01)

Sabe-se que a herança cultural deixada pelos gregos é riquíssima e que influenciou "toda a civilização ocidental".⁴ Suas concepções de beleza, retratadas nas obras de pinturas, esculturas e arquiteturas, são tidas como clássicas, por seu equilíbrio e harmonia. Igualmente suas produções filosóficas, científicas e teatrais foram fecundas e delinearam o pensamento universal até a Idade Moderna.

Em se tratando de História, "os gregos foram os primeiros a tratar a História com espírito científico e suas linhas de pensamento influenciaram correntes filosóficas dos séculos seguintes". (DOMINGUES, J. 2009).

No que concerne à filosofia, os gregos, buscando respostas as questões mais diversas, com espírito crítico destruíram crenças, mitos e construíram teorias.

Pode-se dizer que a partir de Sócrates, a filosofia ocupou-se com o homem⁵, especialmente com a Ética - conteúdo filosófico, que aparece como reflexão imprescindivelmente filosófica na qual posteriormente será aprimorada e sistematizada. Surgi então, a Escola Socrática, defendendo que a reflexão e a virtude eram fundamentais à vida. Foi ele, Sócrates, o autor da frase "conhece-te a ti mesmo"⁶ e "só sei que nada sei"⁷.

Em fim, inúmeros foram os legados deixados pelos gregos que influenciou de modo significativo a cultura dos séculos seguintes.

No entanto, essa contribuição cultural trouxe para os séculos vindouros resquícios de uma norma, melhor dizendo, a escolha de um polo dominador, isto é, o masculino sobre o feminino.

Se a oposição homem/mulher se justifica a partir do biológico, a diferença masculino/feminino tem uma carga cultural muito forte, prendendo-se com um imaginário, com uma ideologia, com representações que determinam nitidamente aquilo que é característico de homens e aquilo que cabe às mulheres, identificando-se com as normas dominantes (embora variadas) das diferentes sociedades. (FERREIRA, p, 140).

Aristóteles via a mulher "como um homem não completo"⁸, para ele todas as características herdadas pela criança já estavam presentes no sêmen do pai, cabendo a mulher somente a função de abrigar e fazer brotar o fruto que vinha do homem.

Cabe aqui ressaltar, que para Aristóteles, embora a mulher não tivesse acesso a uma cidadania plena, inferior no que respeita à capacidade intelectual, relegada para o terreno das emoções e afastada da razão, há nas teses aristotélicas sobre a natureza feminina, aspectos de valorização da mesma "visto que as mulheres reinam na família, na economia doméstica, nos assuntos de casa". (FERREIRA, p, 140.)

Desse modo, conforme Ferreira, Aristóteles apresenta a família como um fundamento da sociedade e defende a sua manutenção pois considera antinatural suprimi-la.

De acordo com a história da filosofia clássica, a condição social e política da mulher da Grécia antiga se diferem largamente dos direitos conferidos aos homens de tal

4 DOMINGUES, Joelza Ester. *História em documento*. São Paulo: FTD, 2009.

5 O uso do termo "homem" para designar a totalidade dos humanos não perturbou a maior parte das pessoas. Também não perturbou os filósofos que até meados do século XX a usaram sem quaisquer problemas de consciência. Só que esta homogeneidade de designação não é inocente. No que respeita à filosofia ela significa um modelo que se impõe, um modelo masculino pois foi pensado por homens e teve os homens como destinatários. (FERREIRA, p, 139).

6 COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2010.

7 Idem.

8 ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UNB, 1985.

sociedade. Elas não eram consideradas cidadãs e, do mesmo modo, ocupavam uma posição de inferioridade social em relação aos indivíduos do sexo masculino. Destarte, tal relação de desigualdade corroboraria por atribuir às mulheres atividades direcionadas, em geral, às tarefas domiciliares e à procriação, isto é, o ambiente “natural”⁹ delas estava confinado ao lar, educando e gerando os filhos de seus maridos, sendo que, assim, elas deveriam ser subservientes aos seus cônjuges e lhe prestar total fidelidade.

Desse modo, ao longo da história verificou-se que diversos discursos foram construídos em legitimação a desigualdade de gênero. Nesse contexto, os lugares, público e privado, foram demarcados como "naturais" para homens e mulheres, respectivamente.

OBJETIVO GERAL

Investigar, os obstáculos que impediram e impedem a emancipação das mulheres quanto ao gênero em relação a divisão de trabalho dentro de uma casa, relacionando-os com a herança filosófica grega.

OBJETIVO ESPECÍFICO.

Discutir a permanência dos modelos tradicionais de papéis designadas ao masculino e feminino na visão de estudantes do 9º ano do ensino fundamental do litoral Norte catarinense.

METODOLOGIA

A metodologia apresenta-se de forma qualitativa. No entanto, a pesquisa social tem sido marcada fortemente por estudos que valorizam o emprego de métodos quantitativos para descrever e explicar fenômenos.

Hoje, portanto, pode-se identificar outras formas de abordagem que se tem afirmado como promissora de possibilidade de investigação: trata-se da pesquisa identificada como qualitativa.

Assim, a pesquisa inicial pautou-se através de um pequeno questionário realizado em uma sala de aula do Ensino Fundamental do litoral Norte catarinense, com participação efetiva de 38 alunos do 9º ano, do período matutino e vespertino realizada no mês de Agosto de 2015. E, os instrumentos utilizados foram textos para o assunto em questão, quadro, giz, vídeos, questionário e exercício em sala.

As perguntas para a sala enfocaram a divisão das tarefas domésticas e as vivências dos alunos e alunas, a partir das quais discutiu-se o tema com profundidade. Após, os dados encontrados foram analisados e confrontados com a teoria, em especial a herdada pela Filosofia grega.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

9 Idem.

Sabe-se que a construção dos gêneros, feminino e masculino, é quase sempre carregados de estereótipos (rótulos) que colocaram homens e mulheres dentro de caixas, ditando o que é ou não adequado para cada um, limitando, assim, a capacidade de aprendizado e crescimento. A origem de muitos comportamentos dos homens e das mulheres é encontrada na maneira como eles e elas foram socializados e socializadas educados e educadas. E, mudar a forma como crianças, adolescentes e jovens são educados e educadas, não é tarefa fácil. Mas não impossível.

Sabe-se que o androcentrismo da sociedade grega até hoje existe, onde as diferenciações entre mulheres e homens são visíveis, não sendo as primeiras consideradas cidadãs plenas. “As mulheres eram, certamente, membros da comunidade, mas membros, por assim dizer, menores”. (GUARINELLO, 2003, apud MESQUITA, 2005, p. 23).

Ainda considera-se a possibilidade da permanência de medo, por parte de muitos homens de perder seu poder através da divisão sexual do trabalho e dentro da estrutura familiar. Por isso, eles, as consideravam importantes como provedoras do bem-estar da família, sem considerá-las como sujeitos independentes com demandas próprias.

É notório, que muitas mulheres sempre cumpriram árdua jornada em seu lar como mantenedoras da ordem, como “domésticas”, e assim, impedindo-as de fazer algo diferente que as realizassem mais.

Por conseguinte, a luta dos movimentos femininos e feministas, que existiram desde longos séculos, invisíveis, hoje, se faz mais visível. Tais diferenças entre homens e mulheres nos últimos anos foram problematizadas, no entanto, ainda encontra-se resistência.

Os gregos conceberam a ideia de cidadania como um atributo de homens livres, que seriam as pessoas aptas para as atividades políticas, ficando as mulheres, os servos e os escravos relegados a um lugar à margem dos assuntos de interesse público. Historicamente, a construção das identidades de homens e mulheres se tem configurado a partir da dicotomia entre as esferas pública e privada, com atribuições de papéis, atitudes e valores previamente definidos segundo modelos naturais (BRITO, 2001, p. 291).

A constituição e a organização da estrutura familiar não são estáticas. No decorrer da história, as famílias já passaram por várias transformações. Em geral, essas mudanças implicaram alterações substanciais na situação e no papel social da mulher. Dessa maneira, elas tanto puderam arcar com as tarefas domésticas tradicionais quanto, na atualidade, desempenhar atividades anteriormente reservadas exclusivamente aos homens.

A história do feminismo é dividida em dois períodos, a “primeira geração” que vai dos anos de 1860 até 1920, representada basicamente pela igualdade dos direitos e movimentos reformistas; e a “segunda geração”, que teve maior força no final da década de 1960. Neste período, os movimentos feministas caracterizaram-se por duas correntes: a primeira enraizada pela igualdade dos direitos, preocupada em eliminar a subordinação e discriminação contra as mulheres, tanto no âmbito privado quanto no público. A segunda caracterizou-se pela tendência à emancipação das mulheres e a sua participação política, sob uma mudança social radical (HERNANDEZ, 2007, p. 2).

Com base no que foi exposto, investigou-se em sala de aula quais foram nas últimas décadas, as transformações mais decisivas na situação social da mulher. Houve um debate muito rico em relação aos relatos do cotidiano vivenciados por cada aluno e aluna, onde ali todos tiveram um processo de reflexão. Todo este processo foi feito com muito cuidado e respeito, valorizando o que cada aluno e aluna expressaram, respeitando

seu jeito, evitando julgar e tampouco recriminar, na interação de proporcionar liberdade de expressão e espaço de escuta. Após o debate, ao dar continuidade a aula, se fez necessário algumas perguntas que mais uma vez se transformou em um rico debate.

01- Quantos (as) alunos e alunas ao acordar, arrumam a cama para vir a escola e ao retornar para casa, ajudam a mãe ou o pai a lavar a louça?

02- Como adolescentes e jovens contribuem para a manutenção da casa e da família?

03- O que define a divisão de trabalho dentro de uma casa? O fato de ter nascido homem ou mulher? Ou é a cultura que estabelece quem faz o que?

04- Como seria possível dividir melhor as tarefas e as decisões dentro da família?

Estas perguntas incidem sobre a divisão das tarefas domésticas entre alunos e alunas de, uma Escola de Educação Básica localizada em uma pequena cidade num bairro ribeirinho do litoral Norte Catarinense. E assim, confrontando as representações com a práticas sociais dos mesmos.

Para o bom andamento da atividade proposta, entregou-se uma folha de papel e uma caneta para cada participante. Assim sendo, cada um (a) criou uma lista dos diversos trabalhos realizados pelos membros de suas famílias, incluindo eles elas mesmos (as). Após a criação da lista, pediu-se aos (às) participantes pensarem sobre os tipos de trabalhos necessários para a manutenção da casa e da família. Assim, colocou-se no quadro as tarefas na parede (ver exemplo abaixo) e solicitou-se que cada participante lesse em voz alta alguns exemplos de sua lista, especificando quem é que geralmente faz aquele trabalho: homens, mulheres ou ambos.

TAREFAS	HOMENS	MULHERES	AMBOS

Tendo por base dados obtidos a partir do exercício realizado com 38 alunos e alunas, os resultados, confirmaram indícios percebidos no debate.

As respostas obtidas em sala de aula foram de que 50% dos meninos realizam alguns afazeres domésticos. Fala dos alunos: "fazemos, por que somos obrigados". E, 90% das meninas realizam e vê como algo natural no seu cotidiano.

Conforme Gustavo Venturi, professor do departamento de Sociologia da USP (Universidade de São Paulo), explica que fenômenos como o machismo e outros tipos de discriminação só existem na medida em que os oprimidos incorporam os valores dos opressores. "Você tem uma naturalização dos valores dominantes que faz com que muitas pessoas reproduzam, até de forma inconsciente, a ideologia da qual são vítimas".

Desse modo, fazendo com que esse tipo de cultura social recaia sobre as mulheres o chamado trabalho de cuidados. Diz uma aluna: "Na minha família, é comum que a mulher seja a responsável pelo cuidado do lar e das crianças".

Percebe-se que essa naturalidade pode ser fruto de uma construção social, familiar de relações de gênero ao afirmar a tarefa natural das mulheres e a dos homens.

Nessa compreensão, o papel feminino tradicional estabeleceu a maternidade como principal atribuição das mulheres e, com isso também o cuidado da casa e dos filhos, a tarefa de guardiã do afeto e da moral na família. Sendo ela, uma pessoa que deve se sentir realizada em casa.

O homem e a mulher, uma vez que a espécie precisa continuar (e esta é uma união formada não por escolha mas pelo desejo, implantado pela natureza, porque em comum com outros animais e plantas, a humanidade tem o impulso natural de propagar-se) e ambos precisam ser preservados de acordo com um mecanismo e

um motivo naturais. Por isso, aquele que pode antever, pela inteligência, as coisas, é senhor e mestre por natureza; e aquele que com a força do corpo é capaz de executá-las é por natureza escravo. Portanto, entre senhor e escravo existem interesses em comum. Contudo, a natureza fez distinção entre a mulher e o escravo [...] Mas entre os bárbaros nenhuma distinção é feita entre mulheres e escravos; isso porque não existe entre eles aquela parte da comunidade destinada, por natureza, a governar e a comandar; são uma sociedade composta unicamente de escravos; tanto os homens quanto as mulheres. (ARISTÓTELES, 2000, Livro I, cp 2, p. 144.)

Portanto, para os meninos o homem típico é considerado o provedor, isto é, o que trabalha fora, traz o sustento da família, realiza-se fora de casa, no espaço público. Para muitas meninas, uma mulher, ainda é considerado mais adequado ser meiga, atenciosa, maternal, frágil, dengosa, e do homem, o que ainda se espera, é que tenha força, iniciativa, objetividade.

[...] não há na administração da cidade, nenhuma ocupação, meu amigo, própria da mulher enquanto mulher, nem do homem, enquanto homem, mas as qualidades naturais estão distribuídas de modo semelhante em ambos os seres, e a mulher participa de todas as atividades, de acordo com a natureza, e o homem também, conquanto em todas elas a mulher seja mais débil do que o homem. (PLATÃO, República, Livro v, 455 d - c.)

Nesse sentido, outra pergunta se faz necessário: por que ainda é tão forte na visão desses alunos e alunas a ideia de que menina deve seguir o modelo de mãe e dona de casa e o menino, o provedor da família? Acredita-se, que a persistência nessas ideias é justificada pelo fato de que esses papéis são naturais a nível histórico familiar, isto é, homens e mulheres já nascem para ser desse jeito. Fortemente que a naturalização é o principal mecanismo de justificativa dessa situação em questão.

Assim, constatou-se na visão dos alunos e alunas, que o modelo de família pauta-se no que cabe ao homem e a mulher. A ele, o papel de provedor, ocupando funções no mercado de trabalho assalariado. A ela, por sua vez, seria responsável pelo trabalho doméstico e tudo o que ele implica, sem remuneração e sem ser considerado trabalho, mas uma obrigação adequada e pertinente a uma suposta natureza feminina. Desse modo, é na família que ocorre as primeiras experiências afetivas, o primeiro grupo ao qual uma pessoa pertence e cumpre um papel determinante na sua socialização e pela forma como esses seres se relacionarão com o mundo.

De acordo, com Silva, o conceito de família, à primeira vista, parece dispensar qualquer comentário. A família é uma instituição que todos consideram óbvia e ninguém se pergunta o que é. Entretanto, definir família é mais complicado que o senso comum faz acreditar. Essa dificuldade tem muito a ver com o seu caráter dinâmico e histórico e com a diversidade dos padrões familiares encontrados em diferentes sociedades e modelos culturais. É preciso reconhecer, em primeiro lugar, que existem múltiplos modelos de família. "As ciências sociais preferem assumir a postura que compreende a família como um fenômeno que ultrapassa a esfera biológica e ganha significados culturais, sociais e históricos". (SILVA, 2009, p. 136).

Assim sendo, conforme Silva, a família como toda instituição, tem aspectos conservadores, assim como indicadores de mudança. Desse modo, a família se torna uma instituição formadora de futuras gerações e mediadora entre a estrutura social e o futuro dessa estrutura. Nesse caso, sem intervenção externa, a família termina por transmitir e reforçar padrões de hierarquia e desigualdades já existentes na sociedade. "Pela família, por exemplo, podem passar preconceitos raciais, ideias arcaicas sobre o papel dos gêneros, entre outros valores. Assim, é um espaço paradoxal que tanto pode ser o lugar do afeto e da intimidade, como o lugar da violência muda e silenciosa". (SILVA, 2009, p. 139).

Conforme Aristóteles: "a família é a associação estabelecida por natureza para suprir as necessidades diárias dos homens" e "cada qual faz as leis para seus filhos e esposas".(ARISTÓTELES, 2000, Livro I, cp 2, p. 145).

Diante do exposto, se faz necessário a seguinte indagação: mas, será isso a verdadeira condição da mulher?

Nós vos pedimos com insistência:
Nunca digam - Isso é natural!
Diante dos acontecimentos de cada dia,
Numa época em que corre o sangue
Em que o arbitrário tem força de lei,
Em que a humanidade se desumaniza
Não digam nunca: Isso é natural
A fim de que nada passe por imutável¹⁰.

Sabemos, que a constituição e a organização da estrutura familiar não são estáticas. No decorrer da história, as famílias já passaram por várias transformações. Em geral, essas mudanças implicaram alterações substanciais na situação e no papel social da mulher. Dessa maneira, elas tanto puderam arcar com as tarefas domésticas tradicionais quanto, na atualidade, desempenhar atividades anteriormente reservadas exclusivamente aos homens.

Conforme Puleo, nem sempre a filosofia tem sido um discurso de legitimação da desigualdade. Desde o feminismo ilustrado ou feminismo da igualdade, considera-se que os escritos propriamente feministas são os que reivindicam a igualdade no acesso a todas as atividades próprias da humanidade, o acesso das mulheres a todos os papéis e funções sociais sem discriminação. "Quando há um discurso profundamente misógino ou sexista em filosofia é porque paralelamente existe um discurso feminista nessa mesma época". (PULEO, 2004, p, 16).

A história da filosofia demonstra a presença de várias mulheres filósofas. Seus trabalhos não foram reconhecidos e difundidos por questões culturais.

O *corpus* filosófico tradicional é totalmente masculino. Hoje, graças ao movimento e à teoria feminista, começamos a reconhecer figuras filosóficas que têm sido desprezadas pelo fato de ser mulheres. Reconhecer as pensadoras é uma forma de acabar com a invisibilidade das mulheres.(PULEO, 2004, p, 19).

Ainda, conforme Puleo, as historiadoras foram as primeiras a mostrar a invisibilidade das mulheres na história¹¹.

Na filosofia, a recuperação está sendo feita pouco a pouco em relação as pensadoras esquecidas. "É difícil recuperar o passado filosófico feminino. [...] o que as mulheres fizeram no passado não era reconhecido como valioso. Por isso, não se guardava". (PULEO, 2004, p, 24).

Como já assinalado, filósofas existiram, mas que infelizmente seus escritos se perderam dentro de uma tradição filosófica sexista. Assim, somente muito recentemente

10 <http://pensador.uol.com.br/frase/MTIwMzU2OQ/>

11 Na segunda metade do século XX, examinando os livros e manuais de história, perguntaram-se onde estavam as mulheres. Havia apenas uma história de generais e imperadores, com algumas poucas mulheres, Cleópatra e algumas mais, em geral mencionadas como as malvadas. Frente a esse quadro desolador, as historiadoras propuseram-se a tarefa de recuperar as figuras femininas. A forma como se iniciou esse estudo variou segundo as tradições de cada país. Na Espanha, por exemplo, começou recuperando a figura das santas e das freiras, enquanto na França a atenção se concentrou nas figuras das favoritas, das cortesãs. Mais tarde, estudou-se a vida cotidiana das mulheres anônimas. (PULEO, 2004, p. 24).

as mulheres tiveram acesso à educação formal e mais recentemente ainda passaram a poder receber o crédito pelos seus feitos.

CONSIDERAÇÕES

De acordo com a construção social, a divisão sexual masculino e feminino diferencia os seres humanos quanto ao gênero. Porém, observou-se que essa diferença, fruto de observações dos fenômenos da vida, e através de construções sócio históricas, hierarquizou-se valorações onde o masculino dominou o feminino durante séculos e notadamente nos dias atuais.

Assim, constatou-se na visão dos alunos e alunas, que o modelo de família pauta-se no que cabe ao homem e a mulher. A ele, o papel de provedor, ocupando funções no mercado de trabalho assalariado. A ela, por sua vez, seria responsável pelo trabalho doméstico e tudo o que ele implica, sem remuneração e sem ser considerado trabalho, mas uma obrigação adequada e pertinente a uma suposta natureza feminina. Desse modo, é na família que ocorre as primeiras experiências afetivas, o primeiro grupo ao qual uma pessoa pertence e cumpre um papel determinante na sua socialização e pela forma como esses seres se relacionarão com o mundo.

Em que pese uma tendência no sentido de que a partilha das tarefas devem ser realizadas de uma forma mais equitativa, ainda persistem desigualdades entre homens e mulheres, em desfavor destas na distribuição das tarefas domésticas e respectivas horas semanais despendidas.

Porém, é notório que a família vem se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e socioculturais do contexto em que se encontram inseridas. Esta é um espaço sociocultural que deve ser continuamente renovado e reconstruído.

A figura da mulher, de elemento secundário, passou a ser algo extremamente importante na sociedade atual, onde ela exerce cada vez mais um papel de protagonista, embora ainda sofra com as heranças históricas do sistema social patriarcal em seu dia a dia. Com o tempo, graças às lutas promovidas, a mulher vem conseguindo aumentar o seu espaço nas estruturas sociais, abandonando a figura de mera dona de casa e assumindo postos de trabalho, cargos importantes em empresas e estruturas hierárquicas menos submissas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UNB, 1985.

BRITO, Maria Noemi Castilho. *Estudos feministas*. 2001.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2010.

DOMINGUES, Joelza Ester. *História em documento*. São Paulo: FTD, 2009.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *A mulher como "o outro" - A filosofia e a identidade feminina*.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

HERNANDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura visual*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

PLATÃO, *República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

PULEO, Alícia H. *Filosofia e gênero: da memória do passado ao projeto de futuro*. Políticas Públicas e igualdade de gênero. São Paulo: Coordenadoria especial da mulher, 2004.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de Conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

<http://pensador.uol.com.br/frase/MTlwMzU2OQ/>